

Roda Gigante

CARMELA GROSS

São Paulo: Editora WMF Martins Fontes; Editora Circuito, 2021. 100p.

*Vera Ceccarello**

“Roda Gigante” apresenta a instalação da artista plástica paulistana Carmela Gross, inaugurada no Farol Santander em Porto Alegre no ano de 2019. A exposição consistia em ligar objetos pesados no chão da antiga agência bancária às paredes do prédio através de longos cabos, formando uma trama extensa que atravessava todo o vão central. O livro editado em versão trilingue (português, espanhol e inglês) é composto de três partes: uma apresentação de Paulo Myiada, que fez parte do processo de curadoria, juntamente com André Severo, e versa sobre aspectos da instalação e do prédio em si. A construção suntuosa é característica do período da primeira República e revela com sua opulência os traços oligárquicos, hierárquicos e de mandonismo que, de maneira obscura, voltaram a se fazer presentes a partir de 2018 no Brasil. A segunda parte abarca fotografias da obra de Gross, enaltecendo os contrastes entre a edificação e as cordas retesadas, revelando em detalhes as peças utilizadas e cuidadosamente dispostas de modo a construir um mosaico cheio de significados. E, por fim, um ensaio de Luiz Renato Martins que lança luzes aos ângulos da obra em consonância com o processo de modernização da sociedade brasileira e suas experiências intelectuais e interpretativas, tanto na academia quanto no cinema e na literatura.

O contraste entre micro e macro, a busca pelo avesso dos processos e o realce das sutilezas do cotidiano são marcas constantes da obra de Carmela Gross. Desde a sua participação na Bienal de 1969, trouxe elementos da rua que poderiam passar despercebidos, como lonas, barris e colchões, refletindo, de alguma forma, o

* Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: vera.ceccarello@gmail.com

momento político brasileiro daquele período. Muitos optaram por não participar daquela Bienal, como forma de protesto contra a ditadura. Na contramão, a artista plástica buscou enfatizar através da exibição daqueles objetos cotidianos os efeitos da pobreza que o descaso do governo civil militar tentava mascarar.

A ênfase no detalhe é uma característica importante para apreender a complexidade desse ser humano inteiro que, segundo Agnes Heller, é no cotidiano que se revelam as acepções particulares, mas também genéricas dos seres sociais. Essa amplitude pode ser percebida em “Roda Gigante” através dos longos cabos que conduzem o rés-do-chão ao pé direito com mais de 10 metros de altura. A distância de um ponto a outro representa o hiato entre a vida de um trabalhador comum e o universo financeiro de uma instituição bancária. Em um primeiro momento a linha parece revelar uma relação tênue, porém o olhar em perspectiva pela instalação mostra uma teia complexa de um emaranhado de relações sociais, como se o avesso de uma sociedade inteira estivesse à mostra. Nos mesmos moldes da exposição “Carimbos” (1977-1978) a artista plástica revela não o fim em si, mas o processo de construção de algo: por trás da burocracia do ato de carimbar, uma crítica à rigidez do regime civil militar; por trás das cordas amarradas, a denúncia do que realmente sustenta o sistema.

Atados por nós – físicos ou sociológicos, para usar a terminologia de Heleith Saffioti, que abarca compreensões de gênero, classe e raça na sociedade brasileira – todos os objetos expostos por Carmela Gross fazem referência ao mundo do trabalho. Caixas plásticas, pneus, sacos de areia, correntes, livros, vigas de ferro, baldes. Uma infinidade de itens que representam não apenas profissões, mas também o papel de cada indivíduo, cada grupo e cada classe dentro da sociedade. É curioso notar o contraste entre uma edificação que não parece ter sido feita para abrigar itens tão pesados, ligados ou não a um trabalho braçal, já que o prédio de estrutura europeia neoclássica se distancia de uma atmosfera da vida nas ruas, fábricas e oficinas.

A instalação parece querer revelar as engrenagens contraditórias de funcionamento do sistema, através da referência a um objeto que tem um giro ilusório, cujo movimento conduz a uma inércia em sua essência. Uma roda gigante tem a aura quixotesca de ser tão grande quanto fantasiosa, especialmente se for considerada como representação da modernização na periferia do capitalismo, em que o moto-contínuo de reprodução do sistema atinge os mais altos graus de complexidade e contradição.

Pensar a sociedade pós-moderna é atentar para o que não pode ser visto e o que é camuflado de alguma forma pela virtualidade das relações, pelas transações financeiras sem rastros evidentes, pela imaterialidade inescapável no processo de globalização. “Roda gigante” explicita que a estrutura social dentro do sistema capitalista é composta por amarras que trazem uma coesão e são sustentadas pelo trabalho. A relação umbilical entre a estrutura e o cotidiano é, portanto, demonstrada através dos objetos que vieram de ferros-velhos e são ressignificados

em uma obra de arte. São itens obsoletos que representam a fonte de toda a riqueza da sociedade. Se não fossem por eles, outrora ferramentas de trabalho e de trabalhadores, a imponente estrutura – física do prédio, financeira da instituição e social do capitalismo – jamais teria sido erigida.

A grandeza da exposição de Carmela Gross inverte uma lógica tão naturalizada na vida pública ao mostrar que são os objetos / trabalhadores que mantêm a estrutura funcionando na periferia do sistema. Nesse sentido, Ruy Mauro Marini entende a superexploração do trabalho como o fundamento básico e articulador da dialética da dependência, mantendo a roda-viva da modernização dependente e todas as suas contradições. A ideia da fragmentação, da construção interrompida, do desenvolvimento fraturado é típica de uma leitura que percebe o moderno se esbarrando nas estruturas presentes e atuantes na periferia do sistema. No jogo entre o que faz e não faz parte do moderno, entre as sombras da financeirização do sistema e da desmaterialização da vida, surgem as cordas que desvelam as entranhas do processo dialético de constituição da vida social. A tese do que é invisível em contraste com o visível das cordas dá origem à obra “Roda Gigante”, síntese desse processo de construção artística e social.

Ao mesmo tempo que com esta obra Carmela Gross ressignifica suas exposições criando diálogos e redescobertas, a própria história do Brasil parece vagar nesse ciclo em que o tempo passa, mas algumas coisas permanecem girando em uma roda gigante de desigualdades e querelas colonialistas. A contradição entre o macro e o micro, entre o movimento e a estática, entre o visível e o invisível retoma a dialética da ordem e da desordem, como lembrou Luiz Renato Martins no texto final do livro – como generalização da experiência intelectual e social brasileira, do centro e da periferia, mas fundamentalmente entre capital e trabalho.

Entre a edificação e os objetos, estão os sujeitos observadores e agentes trabalhadores que fazem parte dessa engrenagem ao mesmo tempo ilusória e real. Cabe a quem vê, estabelecer os diálogos, os jogos de dependência e as conexões entre o que os olhos captam e o que desaparece na vitrine de descartes da modernidade. Assim, o livro sobre a exposição “Roda Gigante” – juntamente aos seus textos de apoio – contribui para a compreensão de um breve recorte das artes brasileiras, bem como para a lembrar dos perigos presentes nos momentos autoritários da nossa história e abre a possibilidade para pensar como o desenvolvimento econômico e social dependente se faz presente no nosso cotidiano. Chico Buarque alertou sobre os perigos dessa roda viva e da necessidade de ir contra a corrente até não poder resistir. As cordas de Carmela Gross nos lembram que a tensão presente na sociedade requer força para que a luta se mantenha presente e para que a resistência seja o único caminho possível.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

EDIÇÃO COMEMORATIVA



50